



## A TRAJETÓRIA DE MACHADO DE ASSIS E SUA NEGRITUDE (NÃO) RECONHECIDA

### THE TRAJECTORY OF MACHADO DE ASSIS AND HIS (NOT) RECOGNIZED BLACKNESS

Jéfferson Balbino<sup>1</sup>

Recebido em: 09 set. 2022

Aceito em: 30 set. 2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v7i2

#### RESUMO

O presente artigo tem como propósito explicar a vida e, conseqüentemente, a obra do escritor brasileiro Machado de Assis e, posteriormente, averiguar o homem por trás do mito, haja vista que sua negritude foi algo camuflado na sociedade de sua época. Nesse estudo, os temas são desenvolvidos de modo sincrônicos, perpassando a trajetória de vida do autor, sua vasta produção literária, os tributos prestados ao romancista e as polemidades que envolvem sua cor de pele. A pesquisa contribui para ampliar o escopo de estudos machadianos, visto que elucida os motivos que levaram o *Bruxo do Cosme Velho* a ser patrimonializado – isto é, visto como um patrimônio público – pelo Brasil afora. E não apenas isso, afinal o estudo ainda traz constatações importantes acerca da importância da negritude do escritor. E, também, elucida o erro histórico quanto a sua afrodescendência, basta ver a peça publicitária do banco estatal Caixa Econômica Federal que utiliza um ator branco para interpretar o maior nome da Literatura Brasileira.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; tributos; estudos machadianos; patrimônio; negritude.

#### ABSTRACT

The purpose of this article is to explain the life and, consequently, the work of the Brazilian writer Machado de Assis and, later, to find out the man behind the myth, given that his blackness was something camouflaged in the society of his time. In this study, the themes are developed in a synchronous way, covering the author's life trajectory, his vast literary production, the tributes paid to the novelist and the polemics that involve his skin color. The research contributes to broaden the scope of Machadian studies, as it elucidates the reasons that led the *Wizard of Cosme Velho* to be patrimonialized - that is, seen as a public heritage - throughout Brazil. And not only that, after all, the study still brings important findings about the importance of the writer's blackness. And, also, it elucidates the historical error regarding his afro-

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em História, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Departamento de História/FCL-Assis, Brasil.



descendants, just look at the publicity of the state bank Caixa Econômica Federal that uses a white actor to interpret the biggest name of Brazilian Literature.

**Keywords:** Machado de Assis; taxes; Machadian studies; patrimony; blackness.

### **Introdução**

Joaquim Maria Machado de Assis, amplamente, conhecido por Machado de Assis é considerado por muitos críticos e especialistas literários como o maior escritor brasileiro de todos os tempos e também “o mais extraordinário contista da Língua Portuguesa e um dos raros romancistas de interesse universal” (PEREIRA, 2019, p. 19), além de grande analista da alma humana.

Todavia, há brasileiros que desconhecem o significado que esse ilustre homem ocupa na história e memória nacional. Aliás, algumas pessoas sequer sabem que Machado de Assis foi um cidadão negro. Talvez, tal desinformação ainda ocorra – mesmo após 114 anos de sua morte – por falta de conhecimento escolar. Afinal, faz pouco tempo que as escolas brasileiras têm dedicado um significativo espaço para o ensino da negritude. Isto é, devido o escritor não ter aprofundado e problematizado a temática da negritude/escravidão em suas obras literárias. Não obstante, cabe esclarecer a despeito de sua identidade negra que, outrossim, muitos estudiosos machadianos afirmam que ele não se orgulhava. Será?

Entretanto, ocorre que Machado de Assis foi um escritor negro e que muito contribuiu na cultura brasileira. E que por ter dado um sentido formativo à Literatura Brasileira torna-se um homem-memória sendo digno de receber as mais variadas honrarias como nomear ruas pelo país afora.

Nesse artigo, focaremos na investigação de como se deu a existência da Rua Machado de Assis, em substituição da anteriormente denominada Rua Lafayette, localizada na Vila Mariana, da capital São Paulo (SP). E perscrutaremos os caminhos que levaram esse ilustre nome do cânone literário brasileiro ao imensurável reconhecimento fora do campo literário, como também além de seu território de nascimento. Todavia, antes faz-se necessário conhecer mais sobre esse ilustre escritor.

### **Vida e obra de Machado de Assis**

Foi no centro da então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no Morro do Livramento, que há 183 anos atrás, em 21 de junho de 1839, nascia Machado de



Assis. Filho de uma família pobre, composta por sua mãe, a portuguesa Maria Leopoldina Machado de Assis, que era lavadeira e de pele branca, e o pai, o brasileiro Francisco José de Assis, que era pintor e negro. Cabe ressaltar que, durante muito tempo, pensou-se que a mãe do escritor era negra, informação que foi retificada quando se tornou público seu registro de batismo. Sobre tal fato, a estudiosa e biógrafa machadiana Lucia Miguel Pereira, afirma que:

[...] um documento de grande valia surgiu sobre as origens de Machado de Assis: o seu registro de batismo. Por este se vê que sua mãe era portuguesa, e não mulata, como sempre se pensou. À primeira vista, a revelação parece de grande significação, e, na verdade, é primordial para a perfeita reconstituição da vida do carioca ilustre. Mas, do ponto de vista da biografia, os fatos realmente significativos são aqueles que vão de algum modo repercutir na existência futura, e sobretudo no modo de ser [...]. (PEREIRA, 2019, p. 26).

E sobre a origem materna – e portuguesa – de Machado de Assis, segundo a especialista, nada influenciou o romancista, haja vista que “não o impediu de ser mulato, e porque não foi ela quem o educou” (PEREIRA, 2019, p. 26). Afinal, a mãe, Maria Leopoldina, pouco conviveu com o filho, visto que morreu quando o mesmo ainda era criança. Pereira (2019) não só afirma que a mãe portuguesa e, conseqüentemente, branca teve pouco peso na formação do filho como ainda esclarece que seu pai negro, sim, teve uma considerável importância:

No caso da filiação de Machado de Assis, a paterna é infinitamente mais importante do que a materna. O que o marcaria para sempre, o que condicionaria as suas reações diante dos homens e da vida, seria a cor que herdara do pai, e que a mãe pode ter atenuado, sem contudo deixar menos visível. Aliás, sendo mestiço, toda a gente supunha, ainda antes de se conhecer esse documento, que tinha também sangue branco, provavelmente português. (PEREIRA, 2019, p. 27).

Retornando a vida familiar do romancista, após dois anos de seu nascimento, em 1841, ele ganha sua única irmã, Maria Machado de Assis, que falece aos 4 anos de idade, em 1845, vítima de sarampo. Em 1849, aos 9 anos, Machado perde sua mãe, vítima de tuberculose.

Em 1854, seu pai casa-se, em segunda núpcias, com Maria Inês da Silva. Cabe frisar que Machado, embora tenha vindo “de um meio pobre, não veio de um meio grosseiro”, pois tanto a mãe – em seus primeiros anos de infância – como sua madrasta tiveram “aquela fecunda e boa inteligência do coração” o que resultou, segundo Pereira (2019), numa sensibilidade doentia que de certo modo refletia em suas obras.

É, também, nesse período que o jovem escritor começa a trabalhar numa tipografia e, posteriormente, publica seu poema, o soneto: *À Ilma. Sra. D.P.J.A., no Periódico dos Pobres.*

A partir desse escrito ele não para mais de exercer o ofício e, concomitantemente, atua como revisor de provas para o *Correio Mercantil*, fazendo críticas teatrais para a revista *O Espelho* e trabalhando como redator no *Diário do Rio de Janeiro*. Em seguida, permanece por oito anos escrevendo para *A Semana Ilustrada*.

Em 1861, o escritor publica uma comédia intitulada *Desencantos* e ainda traduz a sátira *Queda que as mulheres têm pelos todos*. Mais adiante, em 1863, é publicado por ele o *Teatro de Machado de Assis*, volume que contém duas comédias, sendo estas: *O Protocolo* e *O Caminho da Porta*. Em seguida, publica seu primeiro livro de versos, o *Crisálidas*.

No tocante às honrarias e homenagens em vida, Machado recebeu, em 1867, através de D. Pedro II, a *Ordem da Rosa*, no grau de cavaleiro.

Em 1869, Machado de Assis se casa com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, na capela do bairro que mais viveu durante sua vida no Rio de Janeiro: o Cosme Velho. Na imagem abaixo, pode-se observar um retrato do escritor com sua esposa:

**Imagem 1: O escritor com sua esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais.**



(Fonte: MEC)

Na imagem, há uma compilação que une Machado e Carolina, visto que é possível constatar que o casal foi fotografado em momentos e, possivelmente, cenários distintos. Eles aparecem vestidos com traje formal e com semblante sério (algo característico na época). Devido a imagem ser em preto-e-branco, a mulatice do escritor é camuflada com um “jogo de luz” que branqueia sua testa. É possível reparar que a barba avantajada também disfarça um



possível lábio carnudo que é um dos fenótipos característicos num homem negro. Os óculos que utiliza também possui importante significado, haja vista que propicia um tom de intelectualidade. Diferentemente de Machado, que aparece na fotografia olhando para um ponto alheatório, Carolina aparece na imagem com um olhar firme, porém, suave, para as lentes da máquina fotográfica. A esposa de Machado também aparece na imagem com os cabelos presos o que ocasiona uma nuance de seriedade que, aliás, é característico nas mulheres oitocentistas.

De acordo com a especialista em imagem e semiologia, Martine Joly, esses tipos de fotografias “‘naturalizam’ a representação, uma vez que se apresentam como imagens figurativas, traços registrados da própria realidade, fazendo com que se esqueça seu caráter construído e escolhido” (JOLY, 2015, p. 93).

Retornando para a obra machadiana, é sabido que, em 1872, é publicado seu primeiro romance, *Ressurreição*. E entre 26 de setembro a 03 de novembro de 1874, é impresso no jornal *O Globo*, o que viria a se transformar no romance *A Mão e a Luva*, que no mesmo ano é editado em formato de livro. Alguns anos depois, no mesmo periódico, Machado de Assis lança o que também viria a ser o romance *Helena*, que posteriormente ganha versão em livro. Paralelamente a sua vida literária, o escritor vai alçando prestígio como servidor público, assumindo a chefia de seção da Secretaria de Agricultura, do governo monárquico.

Entre os meses de janeiro a março do ano de 1878, o escritor publica, n’ *O Cruzeiro*, o romance *Iaiá Garcia* que, a exemplo das outras obras do escritor é, posteriormente, lançado em versão de livro. No final daquele ano, o escritor se licencia de suas atividades para tratar da saúde, uma vez que é acometido por problemas nos olhos e intestinos, e se refugia na cidade serrana de Friburgo (136 km da capital). É durante esse período de “exílio” que o autor concebe sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Em 1891, quando o Brasil já havia tornado República, Machado publica o romance *Quincas Borba* e, também, perde sua madrasta, a Maria Inês. Cinco anos depois, o autor é escolhido para dirigir a sessão de preparação da fundação da Academia Brasileira de Letras, que ele presidiu por mais de uma década, até sua morte, em 1908.

Na imagem abaixo, datada de 1901, podemos vê-lo num almoço com outros intelectuais da época.

**Imagem 2: Integrantes do grupo de escritores autodenominado "Panelinha", criado em 1901 para a realização de festivos ágapes e encontros de escritores e artistas. A fotografia é de um almoço no Hotel Rio Branco (1901), que ficava na rua das Laranjeiras, 192.**



(Fonte: ABL)

Na respectiva imagem vemos dezesseis homens (em pé – da esquerda para direita: Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, Sousa Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto. Sentados – da esquerda para direita: João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos) posando para a foto. Todavia, enquanto doze destes estão em pé num segundo plano, os outros quatro aparecem em primeiro plano e sentados. Pela imagem é possível perceber que tais homens em destaque (primeiro plano) aparentam ser mais velhos do que os que estão em pé. Na imagem, todos estão com trajes sociais, a maioria aparece com expressões faciais sérias ou então – em poucos casos – com leve sorriso no rosto, o que nos leva a compreender que se trata de figuras ilustres da sociedade daquele período. Ainda, é notório que o tom de pele de Machado é mais escuro que o dos outros senhores. E que sua barba aparece muito mais branca que a do Silva Ramos (que aparece sentado na ponta à direita).

Nota-se, ainda, na imagem 2, o ângulo “à altura do homem e de frente” adotado pelo fotógrafo que na concepção de Joly “é aquele que dá com maior facilidade a impressão de realidade e “naturaliza” a cena, pois imita a visão “natural” e distingue-se de pontos de vista mais sofisticados [...]”. (JOLY, 2015, p. 95).



Embora estivesse com os trabalhos na presidência da ABL e com seu cargo público no governo, Machado ainda se dedicava a escrita publicando, em 1899, as obras *Dom Casmurro* e *Páginas Recolhidas*.

Em 20 de outubro de 1904, Machado perde sua grande companheira de vida, a esposa Carolina, com quem fora casado por quase 35 anos. Mesmo sem sua mais fiel leitora, Machado continua escrevendo e lança, em 1906, o livro *Relíquias de Casa Velha*, que contém logo de início o soneto *A Carolina*, dedicado à sua amada e eterna esposa. E em 1908, ano de sua morte, é publicado seu último romance intitulado *Memorial de Aires*.

E foi na madrugada do dia 29 de setembro de 1908, às 03h20min., em sua residência localizada na Rua Cosme Velho, número 18, que um dos maiores escritores que esse país já conheceu – em todos os tempos, não morria, mas ficava encantado, tal como outro grande escritor brasileiro, Guimarães Rosa, preferia dizer quando alguém falecia. Coincidência ou não, Guimarães nasceu no ano que Machado de Assis deixou de ser mortal para se tornar imortalizado na Literatura e na História.

Poucos anos após sua morte já constava nos mapas da cidade de São Paulo uma rua que levava seu nome, numa íngreme rua do Morro da Aclimação.

### **Logradouro: Rua Machado de Assis, Vila Mariana, São Paulo/SP**

A exemplo de outros locais da capital paulista, a Vila Madalena também é um bairro antigo que passou por várias redefinições, tendo sido sesmaria, vilarejo e colônia de italianos. (MASAROLO, 1971, p. 24-26).

No que tange, a Rua Machado de Assis, localizada na Vila Mariana, da capital paulista São Paulo, cabe esclarecer que ela foi criada, em 1912, a partir do Ato nº 511, de 09 de outubro de 1912, em substituição ao logradouro anterior, a Rua Lafayette<sup>2</sup>.

Segundo a arquiteta e historiadora Clara Carvalho<sup>3</sup> (2016, p. 56), os terrenos que compõe à Rua Machado de Assis pertenceram à Aguirra & Companhia, que foi uma empresa

---

<sup>2</sup> Informações obtidas no portal da Prefeitura Municipal de São Paulo: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/ato-gabinete-do-prefeito-511-de-9-de-outubro-de-1912/detalhe>. Acesso em 17/07/2020.

<sup>3</sup> Clara Cristina Valentin Anaya de Carvalho é arquiteta e urbanista pela Universidade de Mogi das Cruzes. É licenciada e bacharela em História pela USP. E ainda mestra em História pela Universidade Federal de São Paulo. Seu campo de estudo se concentra em História do Urbanismo em São Paulo e Patrimônio Cultural, Museologia e Arquitetura.



do arquivista João Baptista de Campos Aguirra (1871-1962). A empresa Aguirra & Companhia foi proprietária de terras de alguns loteamentos da capital paulista.

Os lotes que compõem a referida rua só foram comercializados após 1914, visto que antes dessa data pertenciam ao empresário lituano Mauricio Klabin. Ainda, de acordo com o levantamento feito por Carvalho (2016, p. 80), entre os anos de 1913 a 1915, a Rua Machado de Assis alcançou o total de 15 construções, número superior ao das duas construções que haviam, entre os anos de 1910 a 1912, quando ainda se chamava Rua Lafayette. Embora a mudança de nome não tenha sido o fator determinante para promover um desenvolvimento local, percebe-se que a partir desse período o local passou a se tornar mais urbanizado. Inclusive, devido ao processo de urbanização, que coincide com a alteração de nome da rua, houve no local alinhamentos e nivelamentos obrigatórios, solicitados à Diretoria de Obras da Prefeitura de São Paulo que resultou em perdas de terrenos. Tanto que Antonio Caetano de Lima solicitou perda do terreno que possuía na Rua Machado de Assis s/n, em decorrência de um alinhamento resultado em 1914.

Segundo Carvalho (2016, p. 111), também havia um cuidado com o espaço público que regulamentava como águas pluviais deveriam ser despejadas nas calçadas:

Desde o Código de Posturas de 1875 as águas das chuvas deveriam ser lançadas nas sarjetas por meio de canos embutidos nas paredes. Além dos beirais largos, as platibandas eram outro recurso para conter as águas pluviais. Porém, só foram mencionadas na Lei nº 498, de 1900, no 14º parágrafo do artigo 2º, que dizia que, não havendo platibanda, 112 o beiral do telhado teria pelo menos 30 cm. Ocorreu que a lei reforçaria a solução usada habitualmente. Os beirais das casas coloniais já vinham sendo substituídos pelas platibandas, contribuindo para a estética das fachadas, dando ares de modernidade à cidade que se desenhava. (CARVALHO, 2016, p. 111).

Isto é, a modernidade chegou para ficar na Rua Machado de Assis, da Vila Mariana, da capital paulista, São Paulo.

É oportuno frisar que para Machado de Assis, um homem negro, receber uma homenagem dessa envergadura – nomeando uma rua de uma capital como São Paulo, foi porque houve um reconhecimento de seus préstimos para a cultura nacional por parte da elite da época, sobretudo, porque a ascensão dos negros (e, conseqüentemente, de sua memória) na sociedade paulista tardaria para ocorrer<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> De acordo com o historiador George Reid Andrews, em seu livro *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*, a ascensão dos negros no Estado de São Paulo só ocorre a partir de 1940.



E para ter alcançado tamanho reconhecimento é óbvio que o escritor Machado de Assis se tornou um homem-memória, como define Pierre Nora (1993). No texto *Machado de Assis, um Monumento: homenagens e silêncios*, de Victor Hugo Adler Pereira (2009), é apontado o quão o centenário de morte do escritor Machado de Assis teve mais destaque do que de seus pares: Artur Azevedo e Guimaraes Rosa. Segundo Pereira, a partir desse contraste é possível compreendermos “a posição central ocupada por Machado, no cânone literário brasileiro”. (PEREIRA, 2009, p. 184).

A repercussão da obra machadiana é constatada no texto a partir da perspectiva do pesquisador estadunidense Harold Bloom, que rastreou a obra de Machado de Assis entre cem outras obras de “gênios” da literatura universal. (PEREIRA, 2009, p. 184). Para o crítico estadunidense: “Machado de Assis é uma espécie de milagre, mais uma demonstração de autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo tipo de contextualização que, supostamente, produza determinação dos talentos humanos”. (BLOOM, 2003, p. 688).

Diante de todo o exposto, é possível dizer que Machado de Assis é um homem-memória ou, como denomina o historiador polonês Krzysztof Pomian, um homem-semióforo, haja vista que o escritor é um representante do invisível, “dos antepassados, da sociedade vista como um todo” (POMIAN, 1984, p. 73). Portanto, assim como os semióforos, a figura de Machado de Assis também se divide entre utilidade e significado.

A despeito disso, Pomian tece a seguinte menção explicativa:

Imagine-se um homem cujo papel é representar o invisível. Desempenha-lo-á abstendo-se de qualquer actividade utilitária, e estabelecendo assim uma distância entre si e aqueles que são obrigados a praticá-las, rodeando-se de objectos que não são coisas mas semióforos, e fazendo alarde destes. Em geral, quanto mais alto se está situado na hierarquia dos representantes do invisível, maior é o número de semióforos de que se está rodeado e maior também o seu valor. Por outras palavras, é a hierarquia social que conduz necessariamente ao aparecimento das colecções [...]. Porque, de facto, estes conjuntos de objecto não são mais do que manifestações dos locais sociais em que se opera, em graus variáveis e hierarquizados, a transformação do invisível no visível. [...] Quanto às sociedades fortemente hierarquizadas, viu-se que nessas colecções se acumulam nos túmulos daqueles que em vida ocupavam as posições mais elevadas, nos templos, nos palácios. Pode-se dizer agora que isso acontecia, não porque os que habitassem nos palácios ou nos templos tivessem um “gosto” de que o resto da população estaria privado, mas porque eram a isso obrigados pelo facto de se encontrarem num determinado lugar da hierarquia. Nas sociedades tradicionais, não são os indivíduos que acumulam objectos que lhes agradam; são os lugares sociais que determinam as colecções (POMIAN, 1984, p. 74).



Percebe-se, a partir do excerto acima que para ocorrer um estudo em torno de um homem-semióforo é necessário que a sociedade proporcione um espaço para essa importância memorialística.

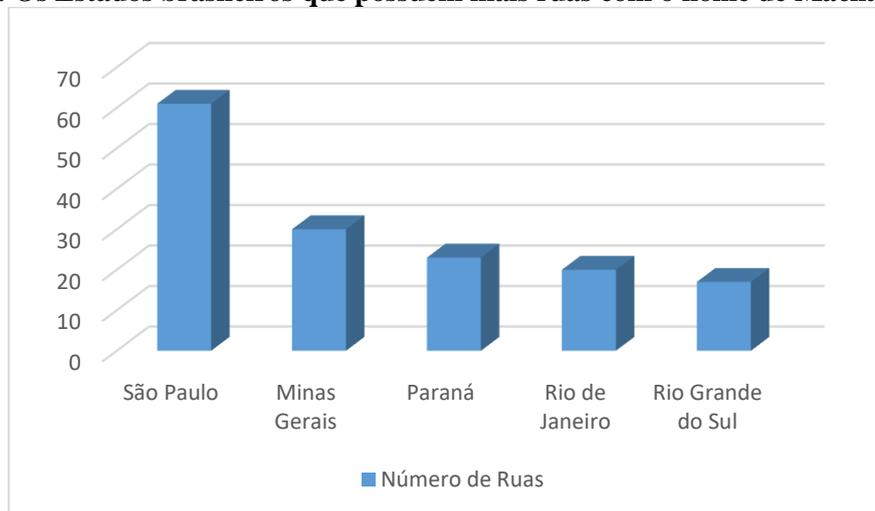
### Tributos prestados a Machado de Assis

No Brasil, Machado de Assis nomeia 238 ruas, 25 travessas (só na capital baiana, em Salvador, há quatro que levam o nome do escritor, localizadas no Bairro da Paz) e 11 avenidas<sup>5</sup> espalhadas pelo país: sendo duas em Macapá (AP), três em Juazeiro (BA), uma em Linhares (ES), uma em Aparecida de Goiânia (GO), duas em Alfenas (MG), uma em Itabira (MG), uma em Campinas (SP) e uma em São Sebastião (SP).

Apenas as capitais Macapá (AP), Vitória (ES), Belém (PA), Boa Vista (RR), Palmas (TO) e Brasília (DF) que não possuem ruas que levam o nome do escritor. Aliás, os Estados do Amapá e Roraima não possuem – até o momento – nenhuma Rua Machado de Assis.

No gráfico abaixo podemos observar os Estados com o maior número de ruas que homenageiam o Bruxo do Cosme Velho:

**Gráfico 1: Os Estados brasileiros que possuem mais ruas com o nome de Machado de Assis**



**Fonte: Elaborado pelo Autor**

<sup>5</sup> Informações obtidas junto ao portal dos Correios. Disponível em: <<http://www.buscacep.correios.com.br/sistemas/buscacep/resultadoBuscaCepEndereco.cfm?t>>. Acesso em 25 jul. 2020.



Como é perceptível acima, o Estado de São Paulo é aquele que mais contém ruas com o nome do escritor, sendo 61 ao total. Em seguida, Minas Gerais aparece na segunda posição com 30. Em terceira posição está o Paraná com 23. Em quarta colocação vem o Rio de Janeiro com 20. E, na quinta colocação, aparece o Rio Grande do Sul com 17 ruas. Os demais Estados aparecem nesse rastreamento com menos de 15 ruas, sendo: 12, em Santa Catarina; 10, em Pernambuco; 7, no Espírito Santo; 6, em Goiás; 5, no Pará; 4, no Ceará; 4, no Mato Grosso; 3, em Rondônia; 2, no Mato Grosso do Sul; 1, no Piauí; 1, no Tocantins; 1, em Sergipe; 1, no Rio Grande do Norte; 1, na Paraíba; 1, no Maranhão; 1, no Amazonas; 1, em Alagoas; e 1, no Acre. No Amapá, no Distrito Federal e em Roraima – até o presente momento – não consta nenhuma rua que leva o nome do autor.

Existe, ainda, algumas ruas com os nomes derivados de Machado de Assis: a Rua Poeta Machado de Assis, em Santana (SP); a Rua Escritor Machado de Assis, em Arcoverde (PE); E as Ruas Joaquim Maria Machado de Assis, nos municípios de Horizonte (CE), Lavras (MG), Lages (SC) e em Mairiporã (SP).

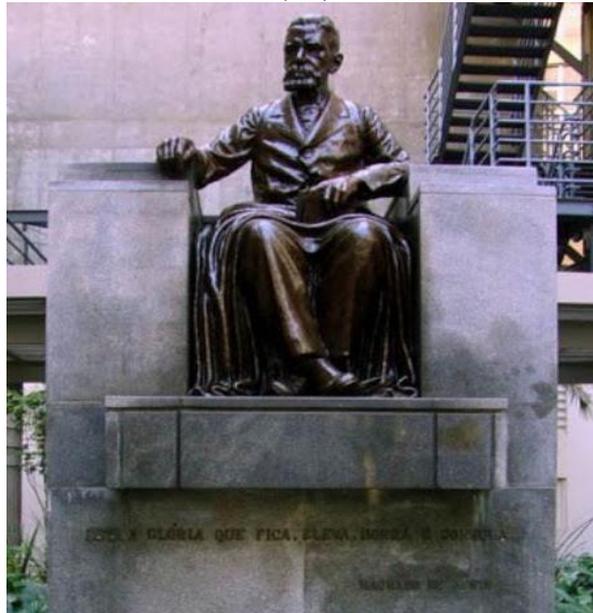
Machado de Assis ainda recebeu como homenagem quatro praças com seu nome: sendo uma na cidade de Aparecida de Goiânia, em Goiás; outra em Recife, capital pernambucana; mais uma no município de Guaratinguetá, em São Paulo. E a quarta com seu nome quase completo: a Praça Joaquim Machado de Assis, localizada em Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais<sup>6</sup>. Há ainda uma estátua<sup>7</sup> no hall de entrada da Academia Brasileira de Letras, localizada no Rio de Janeiro, em tamanho real, na qual o escritor está sentado recebendo os visitantes.

---

<sup>6</sup> Informações, novamente, obtidas em busca no portal dos Correios.

<sup>7</sup> Feita em homenagem ao seu 90º aniversário.

**Imagem 3: Estátua de Machado de Assis no hall de entrada da Academia Brasileira de Letras (RJ)**



**Fonte: Inventário dos Monumentos do Rio de Janeiro**

Essa estátua de Machado de Assis foi inaugurada em junho de 1929, em homenagem aos 90 anos do nascimento do escritor. Foi produzida pelo escultor Humberto Cozzo, em bronze, e alocada num pedestal de granito. Segundo informações do site *Inventário dos Monumentos do Rio de Janeiro* (s/d.), a estátua em homenagem a Machado de Assis foi feita “depois de um apelo para que se erguesse um monumento em sua honra”. Com isso, percebe-se que a sociedade daquele período clamou pela patrimonialização<sup>8</sup> do escritor. Isto é, as pessoas sentiam a necessidade de prestar reverência à memória – e também à identidade – de Machado de Assis.

A despeito disso, a historiadora francesa Françoise Choay esclarece, em sua obra *A Alegoria do Patrimônio* (2001), que a relação da sociedade com seus bens culturais exprime o contexto social e filosófico de um determinado período:

O culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra. (CHOAY, 2001, p. 12).

---

<sup>8</sup> Processo de escolha de determinados bens ou artefatos capazes de simbolizar ou de representar metaforicamente a ideia abstrata de nação e seus corolários, como a ideia de humanidade. (ABREU, 2015).



Em relação a esse monumento, cabe esclarecer que, inicialmente, foi instalado na frente do prédio da Academia Brasileira de Letras, mas alguns anos depois passou para o interior do edifício, embora seja uma obra pública. Portanto, a estátua de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras está inscrita numa outra dimensão da patrimonialização que é, justamente, aquela que está relacionada ao turismo cultural, ou seja, reconstruir espaços com elementos que não são oriundos daquele lugar e que “pretendem” ser históricos para angariar turistas (CHOAY, 2001, p. 204).

No campo literário, o escritor foi homenageado por seus pares. O próprio Carlos Drummond de Andrade dedicou vários poemas a Machado de Assis. Inclusive, todos esses poemas estão reunidos na obra *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido* (2019), organizado por Hélio de Seixas Guimarães. Em especial, o poema intitulado *A um bruxo, com amor*, publicado no livro *A Vida passada a limpo*<sup>9</sup> (2013), é aquele que mais expressa a grandiosa admiração de Drummond por Machado.

O poema *A um bruxo, com amor*, foi publicado, originalmente, em 1959. Está dividido em sete estrofes com um número variado de versos cada uma. E simula uma conversa, o que proporciona um tom coloquial.

Ainda, em *A um bruxo, com amor*, é perceptível o tom dialógico que Drummond usa para explicitar sua subjetividade, inclusive, já no título tal dialogismo fica evidenciado, haja vista que denota um afeto alusivo, através de dedicatória, ao seu mestre, o escritor Machado de Assis. Todavia, não se trata de um subjetivismo de caráter confessional. O poema, em questão, se inicia com Drummond mencionando, logo no primeiro verso, à casa da Rua do Cosme Velho, local que abrigou Machado de Assis, sobretudo, na reta final de sua vida. Através dos versos que se seguem o leitor percebe que se trata de um local de recolhimento e calmaria.

Além de tratar do espaço físico, o poeta ainda faz uso de outro suporte existencial<sup>10</sup>: o tempo, que é sinalado pelo “som do relógio, lento, igual e seco”, isto é, condizente às características/personalidade de Machado de Assis. Drummond ainda traça o tempo presente, que é quando olha para a vida e obra de Machado de Assis e escreve o poema que o homenageia, com o tempo passado, que é o tempo do homenageado, evidenciado no verso em que ele fala sobre “o tempo da Stoltz e do gabinete Paraná”.

---

<sup>9</sup> Inicialmente, em 1959, esse livro fez parte de outro livro de Carlos Drummond de Andrade, a obra *Poemas*. O livro *Poemas* reunia toda a poesia que havia sido publicada pelo escritor. O livro *A vida passada a limpo* reúne parte dos poemas do escritor sendo uma seleção dos poemas que tratam da visão de mundo de Drummond.

<sup>10</sup> Elementos existentes na vida humana tais como a angústia, a dúvida, a solidão, a morte, etc.



Ainda no poema que homenageia Machado de Assis, o poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade retrata “o bruxo” em tom ameno, isto é, de modo harmonioso, a partir de um “retrato” cristalizado do escritor que nesse poema já está na fase de sua vida em que era viúvo de sua amada Carolina a quem dedicou de maneira incontestemente seus “pensamentos idos e vividos” (trecho presente no soneto escrito por Machado em homenagem à sua falecida esposa). Nesse poema é como se Drummond fosse um visitante (poeta-visitante) na casa de seu mestre, Machado de Assis (o poeta-homenageado).

Cabe salientar que Drummond prova o conhecimento do leitor acerca da obra machadiana com sua poesia encomiástica<sup>11</sup>, haja vista que apresenta ligeiras alusões de personagens e obras de Machado de Assis sem identificar explicitamente como, por exemplo, no verso que fala sobre “a geologia moral dos Lobo Neves” sem sequer mencionar a obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Drummond, sabiamente, faz uso dessa recorrência alusiva para que o leitor familiarizado à obra machadiana reconheça o Machado de Assis literário que se faz presente durante todo o extenso poema. É uma espécie de passaporte que Drummond oferece somente para os leitores ávidos (assim como ele) à obra de Machado de Assis para adentrar junto com ele à casa que habitou o escritor. É, sem dúvida, uma grande homenagem do universo literário drummondiano sobre o universo literário machadiano.

Acerca disso, a pesquisadora Maria da Piedade Moreira de Sá (2005, p. 292), afirma que o poema:

*A um bruxo, com amor* é um canto de celebração a Machado de Assis. E, para prestar essa homenagem, o poeta não poderia ter escolhido melhor forma que usar as próprias palavras do escritor. Drummond apropria-se das palavras de Machado, assimila-as, dá-lhes nova forma, devolvendo-as depois *sobcolor de poema*<sup>12</sup>, para citar o próprio Drummond (“Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”), imprimindo-lhe seu estilo próprio e irreduzível a qualquer outro, de modo que o leitor do poema, posto reconheça as palavras de Machado, nele escuta a voz de Drummond. (SÁ, 2005, p. 292, grifo do autor).

Somente um magistral escritor como Machado de Assis para receber mais célebre homenagem de outro, igualmente, grandioso escritor como Carlos Drummond de Andrade. Contudo, a admiração de Carlos Drummond de Andrade por Machado de Assis não surgiu “à

---

<sup>11</sup> É uma poesia de louvor a alguém, uma poesia encomendada, justamente, para elogiar alguma pessoa.

<sup>12</sup> Expressão utilizada por Carlos Drummond de Andrade no poema *Canto ao homem do povo Charlie Chaplin*, em homenagem ao artista britânico que expressa uma referência à imensurável genialidade de Chaplin. O Eu-lírico coloca-se como um “eu” menor que o mundo, ou seja, por mais que ele expresse todas as honrarias ao ator ainda será pouco, tamanha a sua importância cultural.



primeira vista”. De acordo com o pesquisador Hélio de Seixas Guimarães (2019), quando tinha 22 anos, Drummond, em seu artigo *Sobre a tradição em Literatura*, publicado em 1925, em *A Revista*, de Belo Horizonte considera, Machado de Assis um “entrave à obra de renovação da cultura geral” a ser repudiado. Todavia, trinta anos depois, Drummond, mais experiente, muda sua visão acerca do escritor e publica o poema *A um bruxo, com amor* expressando toda sua admiração por Machado de Assis.

Os tributos a Machado de Assis também se fazem presentes na música brasileira. Em 1959, o compositor Martinho da Vila compôs um samba-enredo, para a G.R.E.S. Aprendizizes da Boca do Mato<sup>13</sup>, em homenagem ao escritor. A escola de samba saiu vitoriosa, passando a integrar o primeiro grupo no ano seguinte (DICIONÁRIO MPB, s/d.,n/p.).

No samba-enredo *Machado de Assis*, composto por Martinho da Vila<sup>14</sup>, era narrado a trajetória do escritor desde seu nascimento até sua chegada à presidência da Academia Brasileira de Letras. A partir da letra é possível compreender que se trata de um samba-lençol<sup>15</sup>, visto que está associado a ideia de nacionalismo. Além do que esse tipo de samba-enredo é mais descritivo, é como se contasse o samba em detalhes, ou seja, como se cada palavra da letra fosse previamente pensada para compor uma explicação clara e simples ao público.

Não obstante, outro fator que caracteriza o samba-enredo em homenagem ao escritor Machado de Assis como samba-lençol é o contexto: a música foi produzida em 1958 para o Carnaval de 1959, isto é, dentro do período clássico (1951-1968) do Carnaval brasileiro, quando ainda “os temas deviam ter finalidade patriótica” e que “eram comuns enredos sobre grandes vultos e efemérides históricos, assim reconhecidos na historiografia tradicional do Brasil. Aliás, de feição tipicamente escolar” (MUSSA & SIMAS, 2010, p. 56). Nesse período os sambas traziam figuras históricas ligadas a quatro grupos principais: i) história política; ii) história militar; iii) ciência; e, iv) arte/literatura. (MUSSA & SIMAS, 2010, pp. 56-57). Ademais, a figura de Machado de Assis torna-se algo grandioso.

---

<sup>13</sup> É uma escola de samba extinta do Rio de Janeiro que esteve em atividade entre os anos 1954 a 1968, representando o bairro não-oficializado Boca do Mato, localizado entre os bairros Méier e Engenho de Dentro, na Zona Norte da cidade. Na agremiação, Martinho da Vila iniciou sua carreira no samba ao compor sambas-enredo, inclusive, venceu por sete vezes consecutivas.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JOBfwcCiQVk>>. Acesso em 27 jul. 2020.

<sup>15</sup> Na gíria do carnaval, um “samba-lençol” é um samba grande (letra extensa) e que “cobre” todo o enredo. O estilo surgiu em meados da década de 1950, teve seu apogeu na de 1960, esteve praticamente extinto na década de 1970, teve lampejos na virada dos anos 1980/1990 e reapareceu “revitalizado” e com ares pós-modernos nos anos 2000. Obras de caráter proeminentemente histórico, – e irretocáveis do ponto de vista melódico – no entanto, esboçavam versões idealizadas de passagens da História do Brasil. (RIXXA JR. s/d., n/p.).

Mesmo após mais de cem anos de seu nascimento, Machado de Assis continua simbolicamente vivo e atemporal. A prova de tal constatação se dá quando observamos que até música no estilo rap o célebre escritor ganhou. Em 2010, foi lançada pelo rapper e compositor Pidogalo MC<sup>16</sup> (Washington de Souza Xavier), a música *Homenagem a Machado de Assis*.

A letra tem o intuito de informar quem foi o escritor através de um retrospecto de sua biografia. A música apresenta as características principais do rap como, por exemplo, ter uma temática social e ter um vocabulário que está centrado no gueto, além da rima marcando a linha rítmica.

Outra homenagem a Machado que gostaríamos de ressaltar nesse artigo, ocorre – de maneira polêmica – no campo da publicidade. Em 2011, acerca da comemoração aos 150 anos da Caixa Econômica Federal, o banco estatal levou à televisão a peça publicitária<sup>17</sup> criado pela agência Borghierh/Lowe, que ainda contava com a participação da atriz Glória Pires para mostrar que até os imortais tiveram uma poupança na Caixa.

**Imagem 4: Machado de Assis retratado como branco em comercial da Caixa Econômica Federal.**



(Fonte: Reprodução/YouTube)

Ao examinarmos essa peça publicitária chegamos na imagem estática acima (e a próxima) que será analisada levando em conta a movimentação da cena até chegar na imagem fixada aqui tal qual como o telespectador viu pela televisão e em outras plataformas veiculadas como, por exemplo, no streaming YouTube, na internet. E para se chegar à imagem estática,

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kMprtRROY\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=kMprtRROY_I)>. Acesso em 25/07/2020.

<sup>17</sup> O comercial pode ser visto no seguinte endereço: <<https://youtu.be/10P8fZ5I1Wk>>. Acesso em 18/08/2020.



não há um método específico que o analista deve recorrer, pois “os elementos estão todos circunscritos a um enquadramento fixo no espaço e no tempo. A imagem em movimento, por sua vez, é menos estável e segue uma lógica temporal” (HENDGES & NASCIMENTO, 2016, p. 3).

Além disso, o analista, antes de visualizar a imagem estática, teve acesso prévio à imagem em movimento, com todos os recursos semióticos (palavra, som, imagem, gesto) que a compõe. Posto isso, a imagem estática, que vimos e veremos, funciona como fotografia representativa da representação ficcional do escritor Machado de Assis. Devemos considerar que na imagem em movimento a que os telespectadores assistiram é possível detectar outras variáveis envolvendo a personagem que a imagem estática não mostra como, por exemplo, o gestual e a postura. Entretanto, a imagem estática colabora na análise, uma vez que oferece informações da vestimenta da personagem, da iluminação do cenário, da posição da câmera e da cenografia e, principalmente, da cor de pele do ator que está interpretando o escritor.

Permite, portanto, uma análise – de certa forma – precisa para chegarmos na constatação do tipo de representação que os produtores pretendiam passar ao público. Como também no tipo de representação que esses produtores pensaram em relação a identidade do escritor.

A primeira campanha publicitária trouxe um Machado de Assis totalmente branco (com pele, barba e cabelos brancos), com vestimenta formal/social e com os óculos de grau que o escritor sempre usou em vida. A peça começa com a atriz Glória Pires retirando um livro (no qual na capa é possível ler “150 anos” em referência ao aniversário do banco estatal) de uma estante de biblioteca. Enquanto retira o livro e, em seguida, o abre, a atriz diz o seguinte texto: “Pensar no futuro, é algo tão importante que até os imortais fazem isso”. Nesse momento, a câmera foca uma imagem presente na página do livro que ganha movimento. Na cena, aparece um senhor alvo caminhando numa antiga rua do Rio de Janeiro do começo do século XX (na imagem aparece no canto inferior direito grafado: “Rio de Janeiro, setembro, 1908”) em direção à uma agência bancária. Enquanto ao fundo aparece a voz da atriz narrando: “Conhecido como o bruxo do Cosme Velho, Machado de Assis foi o fundador e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras e o universo das Letras não era o único lugar onde o maior escritor brasileiro tinha seu merecido destaque...”. Quando a atriz termina de fazer a narração, a personagem termina de chegar ao banco e é recepcionado por um funcionário que lhe diz: “Doutor Machado, que posso ajudar nosso ilustre escritor?”. Ao passo que o autor responde: “Vim fazer o que faço todos os meses: um depósito na poupança”. É nesse momento que

fixamos a imagem (vista anteriormente), na qual é enquadrado, em foco, em meio corpo, a imagem da representação do escritor.

Quando o comercial foi veiculado na televisão, a peça publicitária causou revolta em militantes de movimentos negros e a estatal cancelou a exibição, pediu desculpas e refez<sup>18</sup> a campanha publicitária utilizando um ator negro.

Cabe salientar que a propaganda também gerou estranheza e revolta na internet, dentro do governo federal e denúncia no CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária. E que a decisão de cancelar a peça publicitária ocorreu depois que a Caixa recebeu um pedido oficial da SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. (EXAME, 2011, s/p.).

Vejamos, a seguir, a imagem estática da peça publicitária refeita com um ator negro representando o escritor Machado de Assis:

**Imagem 5: Machado de Assis sendo representado como negro em nova peça publicitária da Caixa Econômica Federal**



**(Fonte: Reprodução/YouTube)**

Na referida imagem é possível perceber que foi utilizado um ator negro, isto é, não usaram efeitos especiais para escurecer a pele do ator branco do comercial anterior, e muito

---

<sup>18</sup> O comercial com o ator negro interpretando Machado de Assis pode ser visto no YouTube no seguinte endereço: <[https://youtu.be/XX71Z\\_7p-As](https://youtu.be/XX71Z_7p-As)>. Acesso em 22 ago. 2020.



menos recorreram ao *blackface*<sup>19</sup>. No que tange à caracterização do ator, cabe esclarecer que foram mantidos os figurinos, acessórios e cenários.

Na ocasião, a agência de publicidade do banco também substituiu, na introdução, a atriz Glória Pires pelo ator negro Ailton Graça, que já começa a peça publicitária dizendo que: “Em respeito à História da Caixa e em respeito ao povo brasileiro, apresentamos Machado de Assis...”.

O erro da Caixa ou de sua agência de publicidade se deve ao fato de não discutir toda a polêmica em torno da cor de pele do escritor e, principalmente, valorizar o Machado de Assis negro, que é o real, o que existiu, o criador de tantas obras literárias que compõe o rol das obras pertencentes ao cânone literário brasileiro.

### **Machado Negro**

Como dito inicialmente, nesse texto, quando retratamos a trajetória pessoal e profissional de Machado de Assis, devemos evidenciar que ele foi um homem negro, inclusive, era neto de escravos. Todavia, a sua real cor de pele foi sempre vista pelos pesquisadores e biógrafos machadianos como um tema controverso. Houve um embranquecimento tanto por parte dele – devido seu modo de se comportar socialmente –, como também por parte da sociedade, que ignorava sua raiz negra. Inclusive, no atestado de óbito do autor é mencionado que ele era de cor branca.

A despeito de tal questão, em 2018, o pesquisador Felipe Rissato encontra uma foto inédita de Machado de Assis na revista argentina *Caras y Caretas*, datada de janeiro de 1908. Observemos abaixo à imagem:

---

<sup>19</sup> Prática teatral surgida no início do século XIX nos Estados Unidos no qual atores usavam tinta para pintar seus rostos de preto em espetáculos humorísticos, se comportando de forma exagerada para ilustrar comportamentos que os brancos associavam aos negros. Por essa razão é visto como uma prática ofensiva. [Fonte: BBC Brasil – Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321>. Acesso em 18 set. 2020.

**Imagem 6: Machado de pé em um jardim, com a mão na cintura, num raro momento de informalidade.**



**(Fonte: Arquivo Caras y Caretas/Reprodução)**

Na imagem acima fica evidente – e sem margem para dúvidas – os traços africanos de Machado de Assis. Outro detalhe que se nota é a diferença que há nessa fotografia para as fotografias do escritor veiculadas no Brasil, onde as imagens do Bruxo do Cosme Velho parecem receber tratamento/retoques que distorcem a realidade fisionômica dele. Ou seria apenas uma inofensiva coincidência o autor aparecer mais negro numa foto publicada na Argentina?

De acordo com o pesquisador Eduardo de Assis Duarte, tal fato é uma conjectura “de que as fotos de Machado costumavam ser retocadas no Brasil”. Portanto, para o pesquisador, “não é uma coincidência que a foto em que ele aparece mais negro tenha sido publicada na Argentina”. (GELEDES, 2018, s/p.).

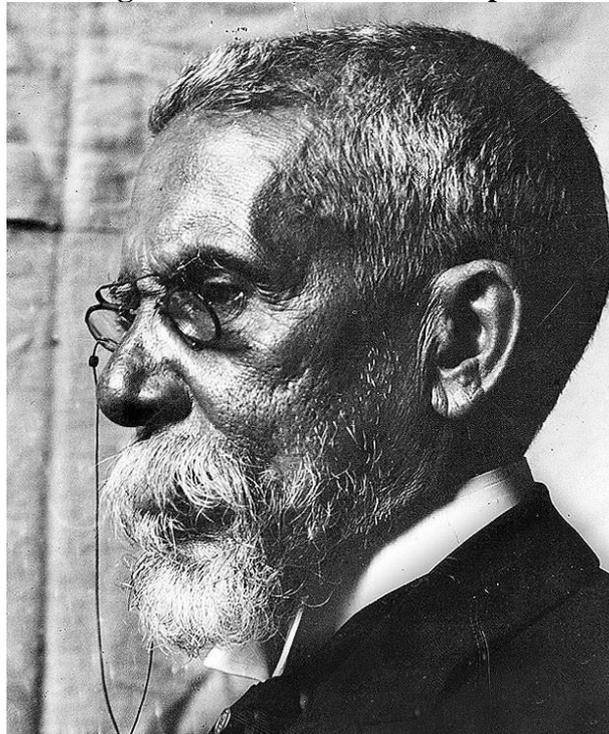
O intelectual Silvano Santiago também corrobora da constatação de Duarte. Por sua vez, Santiago esclarece que a foto da revista argentina revela um Machado de Assis com a pele mais negra e que há fotografias portuguesas de Machado na juventude que apontam para essa evidência. Segundo o escritor:

A matéria do embranquecimento de Machado já tem história. [...] A questão começa com o francês Jean-Michel Massa, autor de “A juventude de Machado” (1839-1870), quando vem pesquisar em fins dos anos 1950 na Biblioteca Nacional do Rio. Massa tinha descoberto em andanças por Portugal, e nos arquivos pessoais que consultou, fotos do jovem Machado. Não havia dúvida de que a pele do rapaz era bem escura. Mas isso causou frisson entre os velhos machadianos. (GELEDES, 2018, s/p.).

Outro indicador que serve para desmitificar um Machado de Assis branco, ou então pardo, pode ser conferido em sua máscara mortuária, pois apresenta nitidamente os traços africanos do autor, como, por exemplo, olhos grandes e nariz achatado. A máscara foi modelada no mesmo dia da morte de Machado. É praticamente uma contestação de seu atestado de óbito que o certifica como um homem branco.

Em 1957, o escritor Rubens Magalhães Júnior havia trazido em seu livro *Machado de Assis desconhecido* uma fotografia do autor, tirada pelos irmãos Bernardelli, que já revelava – tardiamente, depois de 50 anos de sua morte – um Machado de Assis de pele mais escura. Observemos:

**Imagem 7: Machado de Assis de perfil.**



**(Fonte: Domínio Público)**



Nessa imagem é possível ver que Machado de Assis não era branco e nem tão pouco pardo, mas sim negro. Aliás, a fotografia acima é completamente diferente daquelas que circulam nas orelhas de seus livros em que o autor aparece de cabelos lisos e nariz afinado.

Segundo a pesquisadora Sílvia Maria Azevedo (2008), o processo de branqueamento de Machado foi iniciado enquanto ele ainda estava vivo e “se perpetuou em suas homenagens póstumas”. Outro fato que elucida a questão da verdadeira cor de pele de Machado de Assis se dá quando

no aniversário do 30º dia do falecimento de Machado, José Veríssimo publica longo artigo no Jornal do Comércio, em que rememora o convívio quase diário com o escritor. A mais forte impressão que lhe ficara da personalidade de Machado era o “horror à banalidade e à ênfase”. E acrescentava: “São tanto mais de admirar e até de maravilhar essas qualidades de medida, de tato, de bom gosto, em suma de elegância, na vida e na arte de Machado de Assis, que elas são justamente as mais alheias ao nosso gênio nacional e, muito particularmente, aos mestiços como ele. [...]. Mulato, foi de fato um grego da melhor época, pelo seu profundo senso de beleza, pela harmonia de sua vida, pela eurytmia da sua obra”. (AZEVEDO, 2008, s/p).

Nesse excerto não resta dúvidas da mulatice dele, afinal é um amigo de Machado que fala – com naturalidade – que ele era mestiço e mulato. Contudo, nem todos os pares de Machado viam seu tom de pele de maneira sóbria:

Joaquim Nabuco, em carta enviada de Washington, em 25 de novembro, ficou escandalizado ao ver Machado sendo chamado de “mulato”: “Eu não teria chamado o Machado mulato [itálico no original] e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese (...). O Machado para mim era um branco, e creio que por tal se tornava [sic]; quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego. O nosso pobre amigo, tão sensível, preferiria o esquecimento à glória com a devassa sobre suas origens”. (AZEVEDO, 2008, s/p).

Nesse trecho fica claro o preconceito que a elite intelectual da época tinha em relação às origens de Machado de Assis. Para Nabuco soava ofensivo atribuir ao escritor à mulatice. Todavia, o próprio Joaquim Nabuco, que tanto defende o embranquecimento de Machado, reconhece em suas entrelinhas a verdadeira cor de pele do Bruxo do Cosme Velho quando diz que para ele Machado de Assis “era um branco, e creio que por tal se tornava” e em “quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica”.

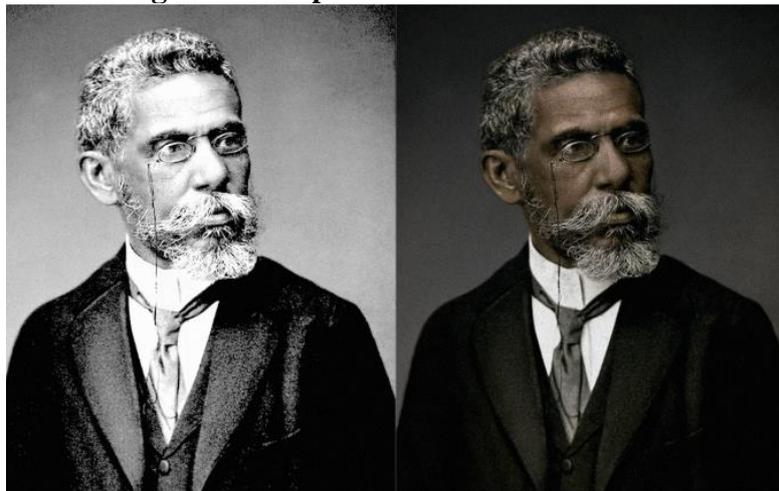
Assim sendo, a crítica feita por Joaquim Nabuco consubstanciava ainda mais “o processo de branqueamento de Machado de Assis, que, iniciado em vida (basta ver os seus

retratos), tinha continuidade depois da morte do escritor, cujo registro de óbito certificava que Joaquim Maria Machado de Assis, de “cor branca”, havia falecido de “arteriosclerose””. (AZEVEDO, 2008, *s/p*).

Em 2019, a Faculdade Zumbi dos Palmares lançou a campanha “Machado de Assis Real” e coloriu a famosa foto retocada do escritor.

Olhemos, abaixo, a imagem:

**Imagem 8: Campanha Machado De Assis Real.**



(Fonte: Reprodução/Divulgação – Faculdade Zumbi dos Palmares)

A campanha tinha como objetivo recriar e divulgar a imagem de Machado de Assis como um homem negro que era. Os organizadores alegaram que o racismo o retratou como homem branco e que essa injustiça deveria ser reparada. De acordo com os organizadores do projeto:

O racismo no Brasil escondeu quem ele era por séculos. Sua foto oficial, reproduzida até hoje, muda a cor da sua pele, distorce seus traços e rejeita sua verdadeira origem. [...]. “Machado de Assis foi embranquecido para ser reconhecido. Infelizmente. Um absurdo que mancha a história do país. Uma injustiça que fere a comunidade negra. Já passou da hora de esse erro ser corrigido. (ESTADÃO, 2019, *s/p*).

É louvável a premissa da campanha em tentar corrigir um erro histórico como a verdadeira cor da pele de um dos maiores escritores brasileiros, pois com isso impede a perpetuação do racismo na história da literatura brasileira, além de propiciar que as novas gerações saibam desde sempre a verdadeira origem do autor.



## Críticas a Machado

Além da questão racial há outras agruras em torno da história de Machado de Assis como, por exemplo, as críticas em relação ao fato do escritor não ter se envolvido com temas político-sociais.

Referente a isso, a literata Elisangela Lopes afirma que

acusaram-no de indiferença quanto às questões nacionais, de ser autor de uma literatura construída aos moldes europeus – uma escrita burguesa, preocupada em retratar apenas a elite – e marcada, ainda, pela não representação dos grandes símbolos nacionais, ao contrário da prática adotada por Gonçalves Dias e José de Alencar, dentre outros. Nesta linha, a maior crítica talvez seja a respeito da provável ausência da temática da escravatura em seus escritos, que soaria contraditória frente ao seu pertencimento étnico. O fato de o escritor ser neto de escravos e ocupar uma posição de destaque na esfera pública motivou a cobrança de um posicionamento explícito de combate ao regime, daí a acusação de absentismo. (LITERAFRO, s/d., s/p.).

No tocante a ausência e/ou presença de personagens negros nas obras literárias de Machado de Assis, Gizêlda do Nascimento, especialista da obra machadiana, esclarece que o escritor chegou a retratar a temática da escravatura em suas obras. Contudo, elas se encontram nas entrelinhas – assim como a crítica do escritor à sociedade de seu tempo.

Para a estudiosa, o compromisso do escritor “era retratar a sociedade tal qual se lhe apresentava, e aí, o negro não constituía uma representação significativa, melhor dizendo, nem mesmo como ser social era reconhecido”. (NASCIMENTO, 2002, n/p.).

Assim sendo, cabe compreender que Machado de Assis não trazia em sua obra uma representação expansiva do negro, pois a sociedade brasileira da época não discutia as questões raciais, isto é, o negro não ocupava um espaço social ativo.

Em consonância, o sociólogo Octávio Ianni esclarece que, embora a obra de Machado de Assis contenha pequenos fragmentos sobre escravidão, não é algo fácil de ser identificado, basta ver que “a única maneira de compreender a obra de Machado de Assis, de modo a encontrar sugestões sobre a presença e ausência do negro, é aderir ao espírito da sua ficção, entrar na sua visão de mundo”. (IANNI, 1988, p. 2).

No entanto, ainda assim, o estudioso considera Machado de Assis como sendo um escritor da literatura negra, visto que ele



abre, em grande estilo, a visão paródica do mundo burguês, a partir da perspectiva dos setores subalternos; a partir da perspectiva crítica mais profunda do negro escravo ou livre. Inaugura a carnavalização da sociedade branca, isto é, burguesa, do ponto de vista do negro, do subalterno. (IANNI, 1988, p. 5).

Ademais, para Ianni o romancista trouxe – de modo peculiar – para sua literatura às questões pertinentes de seu tempo, tais como a escravidão, porém, de maneira sutil. Ocorre que, como Machado de Assis era negro, de família pobre e descendente de escravos, tanto a crítica especializada, quanto alguns leitores esperavam uma postura mais explícita do autor acerca desse tema. Entretanto, Machado era um homem tímido, reservado e até mesmo introspectivo. Portanto, ele não era detentor de uma personalidade revolucionária para fazer de sua obra uma literatura de protesto.

Nada obstante, é inegável que Machado de Assis tenha abordado em sua obra às questões relacionadas à sociedade de sua época e sua literatura se adequa à Literatura Afro-Brasileira, visto que – ao seu modo – traz uma visão contrária ao sistema escravocrata no país. Desse modo, pode-se afirmar que Machado de Assis foi um retratista da sociedade brasileira do século XIX, uma vez que trouxe em suas obras uma representação dos negros em condições de inferioridade como, por exemplo, através da personagem Prudêncio, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma espécie de brinquedo de estimação do personagem título, já que lhe servia de montaria e para maus-tratos.

Outro momento de sua obra que evidencia sua aversão à questão da escravidão transcorre quando ele avalia de maneira crítica a abolição, na Crônica de 19 de maio de 1888<sup>20</sup>. No texto, Machado rechaça a visão dos brancos da época que viam os negros como uma mercadoria.

Na crônica ele traz uma reflexão de modo frívolo, mas com muita seriedade e mostra ao leitor que a escravidão se faz presente mesmo havendo um regime de trabalho “formal” aos negros libertos. Ou seja, é problematizado o desrespeito aos direitos essenciais como, por exemplo, o acesso ao sistema educacional dos recém-libertos através de Pancrácio, dado que seu antigo senhor mente que o negro se formou em filosofia tornando-se professor (com a sua ajuda, é claro) para assim se promover eleitoralmente e ser eleito deputado federal.

Além da crônica citada anteriormente, Machado de Assis ainda escreveu outras duas narrativas significantes sobre a escravidão sendo elas os contos: *O Caso da Vara* (1891) e *Pai*

---

<sup>20</sup> A crônica faz parte da série *Bons Dias*, divulgada no jornal *Gazeta de Notícias* entre abril de 1888 a agosto de 1889.



*contra Mãe* (1906), ambos com o estilo característico do autor, isto é, ironia fina e galhofeira com pitadas de sarcasmo que apresenta uma espécie de tom trágico sobre a narrativa marcada pela comicidade.

Sendo assim, Machado não se esquivou de abordar temas envoltos da etnicidade em sua obra, na medida em que não apenas abordou como também problematizou questões que afetavam os afro-brasileiros daquela época.

De acordo com o pesquisador Eduardo de Assis Duarte:

Machado fala de seus irmãos de cor, como sujeitos marcados por traços indeléveis de humanidade e por um perfil que, quase sempre, os dignifica, apesar da posição secundária que ocupam nos enredos. Impõe-se destacar que essa ausência de protagonismo está em homologia com o papel social desempenhado, caracterizado pela subalternidade da condição e pela redução à mera força de trabalho [...]. (DUARTE, 2007, p. 265).

Em outras palavras, o fato de Machado de Assis humanizar suas personagens negras já é um grande mérito dele. Além do que, ao efetuar esse processo de humanização das personagens negras, ele toma para si uma postura paternalista.

Apesar de alguns críticos literários reconhecerem o esforço de Machado de Assis ao abordar as questões ligadas à escravidão e à abolição em suas obras, há outros intelectuais que não se satisfazem com tais abordagens, em virtude de considerarem ínfimas, como é o caso do jornalista Claudio Soares, que considera que Machado de Assis matou seu antepassado no esquecimento, posto que praticamente não escreveu e/ou falou quase nada a respeito de sua mãe, Maria Leopoldina, nem de seu pai, Francisco de Assis, e de sua irmã. Além de que ignorou sua madrasta, Maria Inês da Silva, que o criou após a morte de seu pai. Segundo Soares, o autor de *Dom Casmurro* “se aristocratizou como um intelectual do seu tempo” tornando-se “um homem amargo, desencantado, fatigado, enjoado do seu século”. (SOARES, 2020, s/p.).

Apesar de todas as controvérsias que pairam em torno da figura de Machado de Assis, é impossível negar que ele foi e continua a ser um dos principais homens negros que esse país já conheceu, tanto em seu tempo, quanto à posteridade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse artigo foi possível compreender que Machado de Assis foi um homem negro que passou, tanto em vida como depois da morte, por um processo de embranquecimento social. E isso transcorreu porque ele ganhou notoriedade ímpar em vida, mesmo sendo negro.

Machado era respeitado tanto por seus compatriotas como por estrangeiros e isso se deve ao prestígio que conseguiu, graças a seu talento. E devido às suas imensuráveis qualidades que a sociedade da época (que já era preconceituosa, racista e excludente mesmo sendo multiétnica) ignorou sua verdadeira cor de pele e o embranqueou.

Ainda, nesse texto, ficou evidente que Machado de Assis abordou, sim, às questões raciais em sua obra literária. Contudo, devido ao fato de tal abordagem ser de difícil interpretação, em decorrências das dificuldades de aproximação, há inúmeros equívocos relacionados à questão afrodescendentes nas obras machadianas.

No tocante à sua obra, percebe-se que a mesma foi transformada em um monumento cultural, devido a notoriedade alcançada, igualando-se ao mesmo patamar da produção de grandes escritores da literatura universal, produzida na Rússia e Europa Ocidental, no século XIX. Essa grandeza conferida às obras machadianas se deve, essencialmente, ao fato de Machado de Assis conseguir imprimir sua inconfundível marca: qualidade artística e abordagem de questões sociais de sua época.

Também, analisamos as homenagens que o *Bruxo do Cosme Velho* recebeu e as (re) significações dessas honrarias. Como também as omissões relacionadas a cor da pele do autor e o discurso midiático em torno da figura de Machado, sobretudo, no referente ao seu enquadramento étnico, visto que o mesmo representa uma “europiedade” mesmo sendo um afrodescendente. Isto é, quando Machado de Assis é visto (pela sociedade de sua época) como “mulato” é como se ele deixasse de ser um subcidadão para tornar-se um cidadão. Portanto, lhe era atribuído como mulato para não receber a atribuição de negro.

No que tange a representação das personagens negras em sua obra, o autor fazia uso de recursos para atribuir humanidade mesmo sendo personagens secundárias, o que demonstra o quão ele optou por seguir a subalternidade, conferida aos negros naquele contexto social do qual Machado fazia parte que, lamentavelmente, reduzia o negro à um objeto de trabalho. E quando Machado de Assis trata na ficção os negros com humanidade, ele assume um papel paternalista...



Os resultados encontrados revelam que, apesar dos enormes ganhos ao longo dos anos, muito trabalho ainda precisa ser realizado, pois embora ele seja considerado negro, ainda persiste tentativas de embranquecê-lo, conforme vimos na peça publicitária da Caixa Econômica Federal. O atraso histórico desse processo pode ser atribuído as variadas formas de racismo existentes no Brasil, o que acarreta numa espécie de miopia cultural. E para coibir essa anomalia, cabe a nós manter viva a memória negra e enfrentar o medo branco que secularmente naturalizou seu lugar social e invisibilizou os negros e outras minorias sociais.

Desse modo, percebe-se o quão necessário é estudar, refletir, provocar e propagar a negritude de Machado de Assis, pois assim não apenas estaremos colocando à luz sua real identidade como também estaremos retirando das penumbras amarras sociais a vários negros que foram soterrados pelo embranquecimento social e cultural.

Ademais, como evidencia os estudos sociológicos as populações negras têm duas mortes: a morte física e morte de sua memória. E atribuir uma pseudomulaticidade ou pseudobranquitude a Machado de Assis é querer acabar com sua memória e, conseqüentemente, com a memória de toda a população negra.

## REFERÊNCIAS

ABL – Machado de Assis. **ABL Minisites**. s/d. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start35d2.html?sid=5&UserActiveTemplate=machadodeassis](http://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start35d2.html?sid=5&UserActiveTemplate=machadodeassis)>. Acesso em 10 mai. 2020.

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: Cécile Tardy; Vera Dodebei. (Org.). **Memória e Novos Patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015, v. 1, p. 67-93.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A vida passada a limpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.

AZEVEDO, Sílvia Maria. O Centenário de Machado de Assis: o ano da morte de Machado de Assis. **Jornal UNESP**. Abr/2008: ano XXI, n. 232. Disponível em: <<https://www.unesp.br/aci/jornal/232/supled.php>>. Acesso em 07 set. 2020.



BLOOM, Harold. **Gênio**: os 100 autores mais criativos da História da Literatura. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Editora Objetiva, 2003.

CARVALHO, Clara Cristina Valentin Anaya de Carvalho. **Os Setores Médios e a Urbanização de São Paulo**: Vila Mariana, 1890 a 1914. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Editora Unesp, 2001.

DICIONÁRIO MPB. s/d. Disponível em: <[http://dicionariompb.com.br/martinho-da-vila/dados-artisticos\\_](http://dicionariompb.com.br/martinho-da-vila/dados-artisticos_)>. Acesso em 10 mai. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Machado de Assis, afro-descendente** – escritos de caramujo. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Amor nenhum dispensa uma gota de ácido** – Escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

HENDGES, Graciela Rabuske; NASCIMENTO, Roséli Gonçalves do. Convergências e Desafios para a pesquisa com imagens em movimento sob a perspectiva da análise do discurso multimodal. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM*. v. 26. n. 52. 2016.

IANNI, Octávio. Literatura e Consciência. *In: Revista de Estudos Brasileiros*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. São Paulo, nº 28, 1988.

ILHÉU, Thaís. Faculdade colore foto de Machado de Assis para lembrar que ele era negro. **Guia do Estudante**, 2019. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/faculdade-colore-foto-de-machado-de-assis-para-lembrar-que-ele-era-negro/>>. Acesso em 28 mai. 2020.

INVENTÁRIO DOS MONUMENTOS RJ. **Catálogo: Machado de Assis**. Disponível em: <<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/?iMENU=catalogo&iiCOD=61&iMONU=Machado%20de%20Assis>>. s/p. s/d. Acesso em 30 nov. 2020.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. 14<sup>a</sup>. ed. Campinas: Papyrus, 2012.



LOPES, Elisângela. **Machado de Assis – Homem do seu tempo e do seu país**. Portal Literafro. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/1012-machado-de-assis-homem-do-seu-tempo-e-do-seu-pais-elisangela-lopes>>. Acesso em 29 jul. 2020.

MEC – Machado de Assis. **Machado de Assis Vida e Obra**. s/d. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/>>. Acesso em 11 mai. 2020.

MUSSA, Alberto. SIMAS, Luiz Antonio. **Samba de Enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do Nascimento. “Machado: três momentos negros”. *In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, vol. 2, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Khouri. **Projeto História**, SP: Educ, n.10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 19 set. 2020.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. – 1. Reimpr. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

PEREIRA, Victor Hugo Adler. Machado de Assis, um monumento: homenagens e silêncios. *In: Revista Em Pauta*. n. 22, 2009. pp. 183-195. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/62/61>>. Acesso em 18 set. 2020.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RIBEIRO, Bruna. Campanha ‘Machado de Assis Real’ recria imagem do escritor negro. **Estadão**. 2019. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/campanha-machado-de-assis-real-recria-imagem-do-escritor-negro/>>. Acesso em 07 set 2020.

RIXXA JR. **Sambario**. s/d. Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=rixxa19>. Acesso em 04 set 2022.

SÁ, Maria da Piedade Moreira de. A um bruxo, com amor: a alquimia das palavras. **Revista Alpha** (Patos de Minas), Patos de Minas MG, v. 6, n.6, p. 292-299, 2005. Disponível em:



<<http://livrozilla.com/doc/1478496/a-um-bruxo--com-amor--a-alquimia-das-palavras--pp.-292-299->>. Acesso em 26 jul. 2020.

SIMON, Cris. Caixa suspende comercial com “Machado de Assis branco”. **Exame**. 2011. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/caixa-suspende-comercial-com-machado-de-assis-branco/>>. Acesso em 07 set. 2020.

SOARES, Claudio. Pobre, negro, gago, epilético: Machado de Assis teve quase tudo contra si. **Brasil de Fato**. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/26/artigo-pobre-negro-gago-epiletico-machado-de-assis-teve-quase-tudo-contra-si>>. Acesso em 07 set. 2020.